

IGREJA
LUSITANA
CATÓLICA
APOSTÓLICA
EVANGÉLICA

O novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

NOVEMBRO 2015

€1.25

Nº 167/169



MAIS DO QUE VIAJANTES,
PEREGRINOS

Destaques nesta edição



Pág. 8 e 9
Grupos Peregrino já arrancaram



Pág. 11 a 13
Cinquenta anos de plena Comunhão com os Velho-Católicos celebrados na Catedral de S. Paulo



Pág. 16 e 17
O novo Livro de Oração Comum Brasileiro



Pág. 19
«Ulreya e Suseya» em 700 palavras

Pág. 20 e 21

Proclamação : a essência perdida ?

Pág. 22

Missionários de Cristo

Assine já! O Novo Despertar digital

registe-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.

faça um gosto: www.facebook.com/igreja-lusitana



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** D. Fernando da Luz Soares, Rev. José Manuel Cerqueira, Diana Melo, Sara Lia Duarte, Reva. Marinez Bassotto, Alberto Peres, Timóteo Cavaco, Rev. Paul Avis, Helena Pina Cabral **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 **(Millennium BCP) Capa:** Peregrinação de Porvoo a Santiago de Compostela(foto de Alberto Peres)



“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”

João 14,6

D. Jorge Pina Cabral

«Com pão e vinho se faz o caminho» é um dos ditados do caminho de Santiago de Compostela percorrido pelos peregrinos. O ditado significa que o caminho está ao alcance de todos aqueles que assumem uma alimentação frugal e carregam apenas o essencial para a jornada. É habitual para quem percorre o caminho ver o pão pendurado nas portas das habitações como que disponível para atender às necessidades de quem passa. A relação solidária que se estabelece entre quem necessita e quem acolhe é uma das marcas mais ricas de qualquer peregrinação revelando a predisposição humana para a ajuda solidária.

Tive a graça de, no Verão passado, fazer parte de um grupo de apoio a uma peregrinação de jovens cristãos (fotografia da capa) de diversas Igrejas da Comunhão de Porvoo (Anglicanos e Luteranos). A peregrinação foi a Santiago de Compostela e o lema foi : «Jesus Cristo, a fonte da água viva na nossa peregrinação de vida». Durante o percurso foram muitos e significativos os gestos e atitudes solidárias entre os peregrinos. Os riscos e a imprevisibilidade do caminhar conjunto como que ajudaram a (re)descobrir a necessidade que temos uns dos outros.

Quem recebe ajuda sente-se grato e quem a oferece é inundado pela felicidade serena do bem que proporciona. As relações tornam-se mais humanas e interdependentes afastando tentativas de auto-suficiência e abrindo a uma partilha fraterna de dons e de cuidados. É o exercício profundo da misericórdia que assume as misérias e as dores do outro e as envolve no bálsamo do amor que provem do coração (Mateus 5, 7).

Também, o carregar numa única mochila do essencial para a jornada, liberta o peregrino dos excessos e do supérfluo. Aprende-se a viver com pouco num exercício de auto despojamento que nos torna mais livres e ajuda a (re)aprender o que realmente é importante para o nosso bem estar e sobrevivência. A experiência física e relacional da peregrinação ajuda ao maturar da vida interior de cada um(a) e à descoberta de quem somos e de quem poderemos vir a ser em Jesus Cristo, aquele que é «o caminho, a verdade e a vida» (João 14,6).

Assim, e como muito bem referiu o poeta «a peregrinação não tem propriamente um fim, antes tem uma extraordinária finalidade» que para nós cristãos, não pode deixar de ser Jesus Cristo.

A peregrinação é pois uma rica metáfora do que pode ser e valer a nossa vida individual e coletiva. A verdade, é que tudo acontece quando nos colocamos decididamente ao caminho, quando iniciamos a jornada e nos desinstalamos de aparentes seguranças e comodidades. Quando aceitamos o risco de usar novos caminhos, novas descobertas e relações, surgem sempre vivências novas, ricas em solidariedade e em despojamento. Mas para que tal aconteça temos que dar o primeiro passo e deixar que em nós ressoe o chamamento de Deus que nos ajuda a perceber que a fé, mais do que um estado de alma, é uma viagem com Deus e para Deus na companhia dos outros.

Recordo esta experiência à luz das dramáticas «peregrinações forçadas» de milhares de milhares de refugiados e migrantes que buscam a «nossa» Europa para poderem sobreviver. Dou graças a Deus por todos aqueles que, com eles, solidariamente, estão a caminhar de formas diversas. Relembro as inúmeras Igrejas e organizações da sociedade civil que por toda a Europa se mobilizaram e continuam a mobilizar para estar e caminhar com os refugiados e migrantes, muitas vezes contrariando a política oficial, como é o caso das Igrejas na Hungria.

Saúdo em Portugal, a Plataforma de Apoio aos Refugiados (www.refugiados.pt) na qual, através do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC), a Igreja Lusitana se faz representar. Muito há ainda por fazer, na certeza de que, só quem verdadeiramente está a caminho, é capaz de compreender os anseios e as necessidades dos refugiados e migrantes. Requer-se pois uma Igreja mais peregrina, mais despojada e solidária e que com o sentido da História presente na sua visão saiba marchar como nos diz a canção «à luz de Deus» guiada pelo seu amor e poder.

Buen camino !

+ Jorge



Paróquia do Salvador do Mundo aprofunda trabalho de missão

Nos dias 29, 30 e 31 de Maio de 2015, a Junta Paroquial do Salvador do Mundo (Prado), ao lugar de Coimbrões, Vila Nova de Gaia, realizou o I Prado em Festa, que teve como principais objetivos a abertura à comunidade envolvente: coletividades, instituições, empresas, vizinhos e também a necessidade de estimular um renovado empenho no serviço pela comunidade paroquial.

O programa, arrojado, pela diversidade de momentos, contemplou sessões de poesia, intervenções musicais, com particular destaque da Sociedade Musical 1º de Agosto e do grupo de saxofones Qsax, a mega aula de Fit B, caminhada pelas ruas vizinhas com a fanfara dos Mareantes do Rio Douro, a Eucaristia Dominical, um colóquio / evocação a Diogo Cassels “A Igreja do Prado, a Escola do Prado e o Centro Social do Salvador do Mundo) e uma Celebração Ecuménica com a presenças das Igrejas Católica Romana, Metodista e Ortodoxa Russa.

No pátio, cerca de cinco instituições montaram stands e barraquinhas e dessa forma centenas de pessoas entraram e puderam ficar a conhecer os trabalhos que se desenvolvem em prol do bem comum. Os comes e bebes foram um ponto de atração pois criaram oportunidades de encontro e de novos interesses pelo trabalho de missão da Paróquia.

A Junta Paroquial sonhou e com entusiasmo, abalçou-se neste evento de considerável envergadura. O esforço de todos os paroquianos, naturalmente inspirados por Deus, permitiu que durante três dias a Paróquia tivesse sido um forte ponto de encontro no lugar de Coimbrões e de testemunho do Amor de Deus, que se traduz em tantas e diversas respostas de amor ao próximo.

Admissões à Santa Eucaristia

As meninas Ânia Vitorino Domingues, Ana Carolina Rafael e Ana Beatriz Rafael, foram admitidas ao Sacramento da Santa Eucaristia, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, no Domingo, 28 de Junho de 2015, durante a Celebração Eucarística, presidida pelo Pároco, Presbítero Sérgio Alves.

A Igreja encheu-se de familiares e amigos, naturalmente felizes por estarem a presenciar um momento importante na caminhada na fé das meninas, que importa agora, juntamente com os pais, padrinhos e comunidade, saber continuar a alimentar em cada oportunidade Eucarística oferecida.

O compromisso de cada menina afirmado com fé, perante Deus, é animador para cada membro da Igreja, pois sob cada Irmão e Irmã, recai a sublime missão de espalhar em testemunho vivo a mensagem de amor de Jesus Cristo.

Recepção de Novos Membros na Igreja

A Paróquia do Salvador do Mundo, Prado, no dia 21 de Junho, durante a Eucaristia Dominical, presidida pelo Bispo Diocesano D. Jorge Pina Cabral, coadjuvado pelo Pároco, Revº Sérgio Alves, viu três novos membros: a Sra Maria Conceição, o Sr. Humberto Barreiras e o Sr. Carlos Rafael, serem recebidos oficialmente, mediante rito próprio, pelo Bispo, na Igreja.

A Comunidade estava feliz e os novos membros irradiavam alegria, porque a partir daquele momento passaram a fazer parte integrante e responsável do Corpo, que é de Cristo, que se renova pela ação do Espírito e dessa forma vai tocando e chegando a mais corações.



O sacramento do baptismo na Paróquia do Redentor

A Paróquia do Redentor tem vivido um ano particularmente intenso na administração do Sacramento do Baptismo. Não sabemos as razões, mas muitos dos que nos acompanham não baptizaram os seus filhos no período recomendado pela nossa liturgia (até ao quinto domingo após o nascimento).

E começamos por falar do baptizado da Flor Carapeto da Silva, filha da nossa irmã Maria João Carapeto da Silva que tem acompanhado as celebrações com regularidade desde o final do ano de 2013. A mãe, no início deste ano, manifestou o desejo que a sua filha fosse batizada e os padrinhos fossem o leitor da Paróquia Pedro Fernandes e a sua esposa Mafalda Mota Fernandes. Tendo sido dada atenção à escala de serviço e de acordo com todos os intervenientes, a Flor, com quatro anos de idade, foi baptizada pelo Pároco no culto público do domingo 17 de Maio passando assim a fazer parte da família cristã.

Além da Flor não estavam baptizados o Alexandre de Azevedo Braga Fernandes, a Maria Madalena Braga Fernandes de Azevedo, a Sofia Mota Cadinha Salgueiro e a Maria Jorge Gonçalves Fernandes.

A Cátia Vanessa Braga Fernandes, mãe da Maria Madalena, faz anos no dia 12 de Julho e como esse dia, este ano, coincidia com um domingo solicitou ao Pároco para que nesse dia fosse baptizada a sua filha Maria Madalena, tendo escolhido para padrinhos os pais do Alexandre, a sua irmã Teresa Alexandra e o Hugo Azevedo. A Teresa Alexandra que é a mãe do Alexandre, ao aceitar ser madrinha da Maria Madalena, decidiu pedir a administração do Sacramento do Baptismo para o seu filho Alexandre para o mesmo dia 12 de Julho, convidando para padrinhos os pais da Maria Madalena, a Cátia Vanessa e o Tiago Azevedo. O dia 12 de Julho tornou-se assim um grande dia de festa. O Pároco baptizou a Maria Madalena de quatro anos e o Alexandre com dois anos de idade, celebrando-se também o aniversário da Cátia Fernandes.

A mãe da Sofia, a Sara Mota, que normalmente trabalha ao domingo, considerando que estaria de férias no dia 13 de Setembro, pediu ao Pároco que nesse dia fosse administrado o Sacramento do Baptismo à sua

filha Sofia. Agendado o baptizado da Sofia, o pai da Maria Jorge, o Jorge Filipe, manifestou ao Pároco o desejo de baptizar a sua filha no dia 13 de Setembro, porque era um domingo e coincidia com o aniversário do seu casamento. Formulou ainda outro pedido: como ele tinha sido baptizado pelo Bispo Emérito D. Fernando, gostaria que fosse este a baptizar a sua filha, tendo falado previamente com a mãe da Sofia, sobre esta sua vontade.



O Pároco entendeu que não deveria contrariar os desejos das pessoas e se o Bispo Emérito aceitasse celebrar os dois baptizados, não colocava qualquer impedimento. O culto dominical do dia 13 de Setembro presidido pelo Bispo Emérito, foi novamente um grande dia de festa para a comunidade com o baptizado da Sofia com cinco anos e da Maria Jorge com quatro anos de idade. A Sofia é filha da Sara Mónica Esteves Teixeira da Mota e de Mário Fernando Cadinha Salgueiro e foram seus padrinhos o Nuno Miguel Carvalho da Silva e a Joana Sofia Esteves Teixeira da Mota. A Maria Jorge é filha do Jorge Filipe dos Santos Fernandes e da Andreia Alexandra Gonçalves Fernandes e foram seus padrinhos o Nuno Vítor Pinto Lourenço e a Carla Nogueira Lopes Lourenço.

Congratulamo-nos com a decisão destes pais de trazerem os seus filhos para a Família Cristã, e rogamos ao Senhor que, a bênção do Baptismo ajude estas crianças a crescerem em idade e sabedoria cristã.



DMIL - Campo de Férias 2015 «As mulheres que serviam Jesus»

A 21ª edição dos campos de férias do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana, direccionados a pessoas com mais idade e/ou limitações físicas que os impedem de fazer férias sozinhos, realizou-se no período de 13 a 20 de Setembro passado, na Unidade Hoteleira da Fundação Inatel na Foz do Arelho. É um local muito aprazível e apreciado, que reúne boas condições para umas férias organizadas pelo DMIL, para além de uma paisagem maravilhosa.

Participaram neste campo de férias, pessoas vindas dos dois Arciprestados da Igreja. É sempre com muita alegria que ano após ano se soltam abraços, reforçam-se as amizades, vivem-se dias plenos de comunhão e se integram elementos novos. O grupo presente alegrou-se muito com a visita em dias alternados, de membros das paróquias Lusitanas de S. Paulo, de S. Mateus, de S. Tomé e ainda da Paróquia de Cristo.

O tema bíblico para este ano *“As mulheres que serviam Jesus” (Lucas 8,1)*, foi objecto de estudo nos momentos devocionais da tarde e vivido em belos momentos de louvor e oração. No sábado dia 19, o grupo teve o privilégio de receber a Presbítera Elisabeth Sena, que celebrou a Sagrada Eucaristia acolitada pela Diácona Raquel Teixeira, e que pregou sobre o tema bíblico sustentada também pela sua própria vivência como mulher da Igreja.



As duas mulheres mais jovens contribuíram muito com a música e suas vozes, para alegrar a celebração. No final os elementos mais pequeninos distribuíram os marcadores feitos pelas irmãs em Cristo, Adelaide Arbiol e Lidia Beja, às quais o DMIL manifesta a sua gratidão.

O Passeio ao Budda Garden na Quinta dos Loridos-Carvalho, realizou-se no dia 15, em autocarro fretado pelo DMIL para esse efeito. Desta vez o grupo levou almoço fornecido pela Inatel para fazer piquenique, uma vez que o passeio continuou durante a tarde nas Caldas da Rainha. O jogo dos amigos secretos continua a ser uma boa forma para conhecimento e envolvimento de todos. No final é muito bom verificar a felicidade nos rostos quando se faz a descoberta do amigo.



Diz a cantiga do DMIL:
E mais um ano se passou, e viva o DMIL
E muito Deus nos ajudou, e viva o DMIL
E graças damos ao Senhor e viva o DMIL
Digamos juntos com amor, o DMIL é o maior

A Direção do DMIL ora: A Deus, cujo poder já actua em nós, e é capaz de fazer infinitivamente mais do que pedimos ou pensamos, a Ele seja sempre dada glória na Igreja e em Jesus Cristo. Amén.

Raquel Teixeira



Passeio da Partilha entre Paróquias da Igreja Lusitana (Sul)

Firmado nas palavras do salmista “Oh quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em comunhão” (133,1), o Departamento de Mulheres organizou no dia 6 de Junho de 2015, um passeio em autocarro da Câmara de V. F. de Xira, que foi recolhendo em Castanheira, Vila Franca, Lisboa e Setúbal, membros das várias paróquias do Arciprestado do Sul, rumo a Alcácer do Sal.

O almoço foi partilhado entre todos no salão da paróquia de Cristo Remidor em Alcácer do Sal. Os membros desta Paróquia receberam os restantes irmãos com fraterna alegria suscitada pelo reencontro que há muito tempo não acontecia.

Os belos momentos de convívio, as recordações, os abraços, as conversas, os risos das crianças, ficarão sempre guardados nos corações de todos os presentes. Após o período do almoço, o Presbítero Barros Banza presidiu como pároco à celebração da Sagrada Eucaristia tendo pregado a Presbítera Elisabeth Sena. Ambos foram acolitados pela Diácona Raquel Teixeira.

Ao longo do dia os momentos de louvor e adoração a Deus, foram muito valorizados pelo Leitor Sérgio Cabaço e pela Silvia Breia, através da entoação de belos cânticos e hinos.

No final a felicidade gravada no rosto de todos expressou bem a vivência amorosa experienciada.

Ficou a promessa da repetição de encontros como este, que reforçam os laços da fraternidade e enriquecem a alma.

Glória a Deus.

Raquel Teixeira



X Assembleia Geral do DMIL

O Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana reuniu em Assembleia Geral no dia 31 de Outubro de 2015 na Paróquia do Redentor no Porto. O evento contou com a participação de 40 mulheres da Igreja, sendo 7 do Arciprestado do Sul e as restantes do Arciprestado do Norte.

O programa iniciou-se com uma celebração eucarística presidida pelo Bispo D. Jorge, acompanhado pela Presbítera Jessica Coello da Igreja Espanhola Reformada Episcopal e acolitado pelas Diáconas Isabel Silva e Raquel Teixeira. Na sua homilia o Bispo firmou-se no texto de S. Lucas 8,1 “As mulheres que serviam Jesus”, que também tinha sido o tema escolhido para o campo de férias deste ano do DMIL.

Após a refeição do almoço, iniciou-se a ordem de trabalhos da Assembleia, cuja mesa foi composta pela Presidente Helena Pina Cabral, pela 1ª Secretária Aurora Melo e pela 2ª Secretária Raquel Teixeira, convidada no momento para o efeito.

Foram lidos e aprovados por unanimidade os relatórios de atividades e contas de Abril de 2013 a Outubro de 2015 e posteriormente sugeridas pelas 32 mulheres votantes, o novo plano de ação para o DMIL, a ser implementado pelos corpos diretivos eleitos nesta mesma Assembleia. Foram assim eleitas:

Presidente: Brigida Arbiol - Arcip. do Norte - Paróquia de Cristo
Secretária: Rute Teixeira - Arcip. do Sul - Paróquia de S. Mateus
Tesoureira: Matilde Fernandes - Arcip. do Norte - Paróquia S. João Evangelista
Vogal: Rita Santos - Arcip. do Sul - Paróquia de S. Paulo
Vogal: Teresa Fernandes - Arcip. do Norte - Paróquia do Redentor

As mulheres terminaram unidas em oração dando graças a Deus pelo êxito dos trabalhos daquele dia e rogando ao Senhor a Sua benção para que os novos corpos diretivos possam cumprir a missão que lhes foi confiada na X Assembleia Geral do DMIL.

Raquel Teixeira



Grupos Peregrino já arrancaram!

Na altura em que este número do ND estiver em distribuição estarão já em atividade diversos grupos Peregrino reunidos quer em paróquias do Norte, quer do arceprelado do Sul da Igreja. O curso Peregrino é a principal aposta da Igreja Lusitana para a formação cristã dos seus membros e simultaneamente considerado um importante recurso de evangelização.

O que é o Peregrino?

Em 2012, dirigindo-se ao sínodo geral da Igreja de Inglaterra, o novo Arcebispo de Cantuária, Justin Welby desafiou a Igreja a estimular as estratégias de evangelização e a adoptar como meta concreta o crescimento espiritual e numérico. Uma das respostas ao apelo foi o Peregrino: um curso para a caminhada cristã, preparado por um grupo de bispos, clérigos e teólogos leigos da Comunhão Anglicana.

O curso Peregrino foi apresentado como um dos principais recursos para o ensino e o discipulado na Igreja. O seu objectivo é ajudar cada igreja local a criar espaços onde as pessoas possam explorar a fé cristã em conjunto e ver como ela pode ser vivida em cada dia. Ao contrário de outros programas similares, o Peregrino aborda as grandes questões da fé não pela persuasão, mas pela participação, num ambiente de contemplação e reflexão com um grupo de companheiros de viagem.

Desta forma, o Peregrino constitui um convite tanto para aqueles, jovens ou adultos, que frequentam a Igreja há pouco tempo e querem conhecer os princípios básicos da fé cristã, como para os melhor integrados que pretendem aprofundar a sua crença, e ainda, e muito em especial, para os que não estando ligados a qualquer igreja, sentem interesse e curiosidade por Jesus e a igreja cristã.

Lançado em 2013, o curso tem registado assinalável sucesso, tendo-se vendido mais de 40.000 exemplares de livros da primeira série apenas durante o primeiro ano. Por todo o Reino Unido funcionam actualmente milhares de grupos Peregrino. O curso é constituído por oito livros, cada um com seis sessões temáticas, distribuídos por duas séries: “Seguir” e “Crescer”, estando também disponíveis recursos vídeo e áudio na versão original.

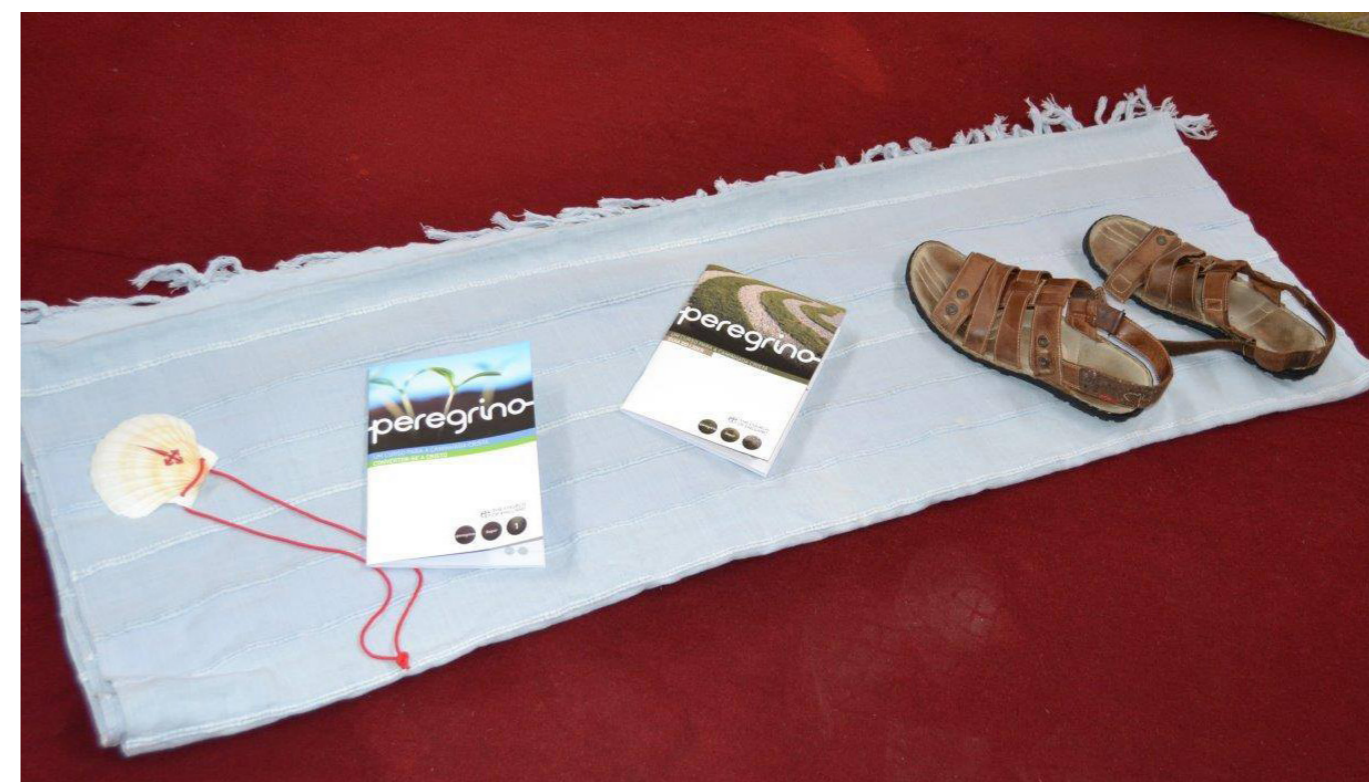
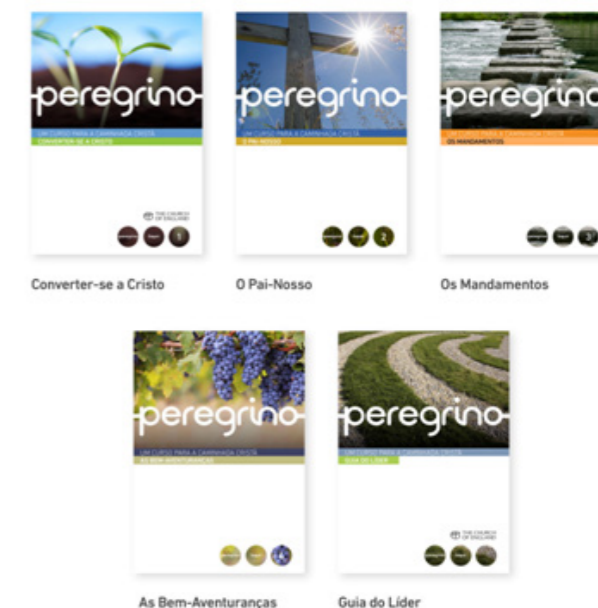
O Peregrino na Igreja Lusitana

O bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral, teve oportunidade de assistir ao lançamento do Pilgrim Course, no Colégio de Bispos que em Setembro de 2013 teve lugar em Oxford, apercebendo-se rapidamente da qualidade do material ali apresentado e do modo como poderia auxiliar o trabalho da IL. Após os necessários contactos, a Igreja Lusitana obteve dos editores autorização para a tradução, adaptação e edição deste programa em língua portuguesa.

Traduzidos os primeiros livros e outros materiais, o curso pôde ser apresentado à Igreja no final do Verão deste ano, quer em reuniões de arceprelado, quer em reuniões de trabalho com algumas juntas paroquiais. Pelo meio foram realizadas sessões de sensibilização e formação para os animadores dos grupos, que tiveram lugar no Porto (paróquia do Redentor, 19 de Setembro) e em Lisboa (Catedral de São Paulo, 3 de Outubro). Estas sessões, que envolveram cerca de 40 participantes, foram dirigidas pelo bispo diocesano e António Manuel Silva, coordenador do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos, e contaram com a colaboração da psicóloga e psicoterapeuta Joana Luz Soares, que abordou questões ligadas à dinâmica e liderança de grupos de discussão.

O material disponibilizado às paróquias e animadores de grupos inclui o Guia do Líder, o livro 1 da Fase Seguir (“Converter-se a Cristo”), diversos recursos promocionais (cartazes, flyers, convites) e ainda diversos vídeos, traduzidos, para divulgação do curso e apoio às reuniões. Nos próximos meses serão editados os livros seguintes do curso.

Os grupos já constituídos envolvem tanto os membros da Igreja Lusitana como outras pessoas interessadas em descobrir e aprofundar a fé cristã, e reúnem-se em locais e horários diversificados. Não são necessárias quaisquer formalidades de inscrição nem o pagamento de qualquer propina, convidando-se os participantes apenas a compartilhar o custo dos livros de apoio, de valor bastante acessível. A lista dos grupos em funcionamento e respectivos contactos pode ser consultada em www.igreja-lusitana.pt.





26 anos de Campos de Férias para crianças e jovens

“O tempo voa” e, ano após ano, a Igreja Lusitana, foi organizando campos de férias, com o grande objetivo de anunciar a boa nova de Jesus aos mais pequenos, com dinâmicas e métodos mais criativos e apropriados à realidade juvenil.

E assim, os campos foram-se realizando e crescendo, e, este ano, chegamos à XXVI edição que teve como lema a apelativa expressão de S. Paulo, retirada da primeira Epístola aos Romanos, no capítulo 12, versículo 2 “Não te conformes (...) transforma-te”.

Entre monitores e participantes a grande família contava o expressivo número de 60. A Igreja Espanhola Reformada Episcopal, à luz do intercâmbio celebrado, enviou 2 jovens.

Acolhidos no Centro de Férias da ACM de Foz de Arouce, perto da Lousã, o campo decorreu entre os dias 26 de Julho e 2 de Agosto de 2015 e contou com um programa de atividades preenchido que contemplou diariamente tempo de estudo bíblico, desporto, passeios, música, canoagem e arvorismo, entre outras iniciativas promotoras de inter-relação, de relação com a natureza e de vivência da espiritualidade cristã.

A alvorada iniciava às 8h00 e o dia terminava em oração, algumas vezes, junto à fogueira de mãos dadas, com o Pai Nosso.

O Dia da Família teve lugar no sábado, 1 de Agosto. Mais de 120 pessoas, entre familiares e amigos dos acampantes, preencheram o grande anfiteatro de estilo romano e participaram entusiasticamente na Celebração de Ação de Graças, preparada pelos participantes com músicas e testemunhos e que foi presidida pelo Bispo D. Jorge, coadjuvado por alguns clérigos. Seguiu-se um grande almoço e um tempo de confraternização e banhos junto às margens do Ceira.

Organizar um campo de férias hoje, implica a existência de uma estrutura funcional que, por um lado, garanta os requisitos legais da atividade e, por outro, seja capaz de sensibilizar Irmãos e Irmãs e dessa forma reunir e congregar os fundos financeiros que permitam a participação de crianças e jovens com carências económicas e que pela fé, sabemos que precisam ser acolhidos na vivência e na experiência proporcionada pelo campo de férias.

A este propósito, destaca-se, o Almoço Solidário, que teve lugar na Paróquia do Bom Pastor, no dia 19 de Julho, que para além de ter possibilitado o encontro e confraternização entre as pessoas, permitiu o arrecadar de fundos de valor expressivo. Também a organização CMS – Church Mission Society, que anualmente envia um donativo, os “amigos do campo de férias”, as Paróquias e iniciativas como as rifas e esferográficas viabilizaram economicamente os campos.

O encontro pós campo de férias, aconteceu na Paróquia do Salvador do Mundo, Prado, no dia 13 de Setembro e teve a participação ativa dos acampantes na Celebração de Ação de Graças pelo Campo de Férias e Início do Ano Lectivo. Durante a celebração foi apresentado o vídeo do Campo que pode ser visto no facebook da Igreja: www.facebook.com/igrejalusitana. Olhando para trás e volvidos 26 anos, podemos dizer que pelos campos de férias da Igreja passaram milhares de jovens e, cada um à sua maneira, foi tocado pela presença transformadora de Jesus Cristo.



50 anos de plena comunhão com os Velho-Católicos celebrados na Catedral de S. Paulo

Conferência em Lisboa assinala aniversário da

O 50º aniversário da assinatura da concordata de plena comunhão entre as igrejas anglicanas ibéricas e a União de Utreque das Igrejas Velho-Católicas foi assinalado por uma conferência internacional que teve lugar na catedral lusitana de São Paulo, Lisboa, em 26 e 27 de Junho, com a presença do Arcebispo da comunhão velho-católica, Revmo. Joris Vercammen, D. Jorge Pina Cabral, diocesano da Igreja Lusitana, D. Carlos López Lozano, bispo da Igreja Espanhola Reformada Episcopal e outras individualidades.

O programa da conferência internacional distribuiu-se por dois dias. Na sexta-feira 26 de Junho abordaram-se essencialmente aspectos históricos da caminhada e relacionamento das confissões e igrejas representadas; no dia 27, com base num importante documento ecuménico, debateram-se os modos e potencialidade de uma relação mais próxima e colaborativa entre as comunidades anglicanas e velho-católicas na Europa.

Na saudação de abertura do encontro, D. Jorge Pina Cabral cumprimentou os convidados e começou por evocar a efeméride que se assinalava, considerando que se celebrava “não apenas um documento histórico assinado e datado mas também e principalmente a história da comunhão eclesial fraterna que desde então se construiu”, registando o papel da concordata na construção e esclarecimento da identidade eclesial própria da IL e a sua alegria pela associação à celebração da Igreja Espanhola.

Crónica da Conferência

Na primeira conferência D. Fernando da Luz Soares, bispo emérito da Igreja Lusitana, abordou o tema “Das concordatas de plena comunhão à integração na Comunhão Anglicana”. Centrando-se na questão da identidade da Igreja Lusitana, D. Fernando discorreu com detalhe sobre a história da IL, focando em particular as transformações verificadas a partir da década de 1950 no sentido de clarificação da catolicidade da Igreja, contexto no qual se insere a concordata de plena comunhão com Utreque.

Com o rigor que lhe é reconhecido mas também com a riqueza testemunhal decorrente de ter conhecido bem a maior parte dos intervenientes nesse processo histórico, o bispo emérito evocou o MoRI (Movimento de Revigoração da Igreja), que considerou, de certo modo, como expressão do Movimento de Oxford na Igreja Lusitana, a publicação do boletim O Despertar (1950) e outros desenvolvimentos dessa época, a par de significativas reacções que por vezes suscitaram, como etapas que passando pela Concordata com os Velho Católicos, “em decorrência de uma caminhada da Igreja Lusitana em direcção à sua identidade católica”, viriam a culminar na integração da IL na Comunhão Anglicana em 1980.

Seguiu-se a intervenção de António Manuel Silva, coordenador do IAET, que tratou da “inspiração velho-católica na fundação da Igreja Lusitana”. Fixando-se nas primeiras décadas da Igreja Lusitana, a partir de meados da década de 1870, este historiador assinalou o paralelismo desta iniciativa de reforma religiosa com o movimento velho-católico europeu, registando a partir das publicações periódicas portuguesas o interesse com que aqueles sucessos eram seguidos no nosso País e o papel determinante, considerado até excessivo à época, que figuras como Diogo Cassels tiveram nessa aproximação ao velho-catolicismo.

Na mesma linha, o também historiador D. Carlos López Lozano, bispo diocesano da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, traçou as origens do Jansenismo espanhol para depois focar alguns aspectos essenciais da constituição daquela Igreja ao longo do século XIX, num processo aliás bastante paralelo com o da Igreja Lusitana. Também em Espanha foram evidentes a simpatia e curiosidade pelas iniciativas velho-católicas, expressas na circunstância do Padre Jacinto Loyson, um dos líderes do velho-catolicismo francês, ter estado presente na sagração do primeiro bispo da IERE, D. Juan Bautista Cabrera, em 1894.

Por fim teve lugar a também muito esperada intervenção do Arcebispo de Utreque, Revmo. Joris Vercammen, que tratou da história, testemunho e missão da Comunhão Velho Católica. Começando por evocar os termos em que a Igreja Lusitana se dirigiu aos Arcebispos de Cantuária e de Utreque, em 1961, solicitando a ambas as comunhões o seu reconhecimento internacional como expressão da natureza católica da IL, D. Joris Vercammen abordou depois os fundamentos históricos do Velho Catolicismo, passando depois à sua caracterização actual nos planos sociológico, de envolvimento ecuménico e posicionamento eclesiológico, acabando por convidar as Igrejas ibéricas a um envolvimento mais forte com a comunhão velho católica para um testemunho cristão mais efectivo e consequente na sociedade europeia do século XXI.

O diálogo anglicano-velho católico

A sessão de sábado foi aberta pela intervenção de Jenny Knudsen, representante anglicana na Comissão Conjunta Internacional Anglicana-Velho Católica (sigla em Ing. AOCICC), que abordou os trabalhos daquela comissão para o diálogo e testemunho comum de anglicanos e velho-católicos. A Comissão, fundada em 1998, tem presentemente 11 membros de toda a Europa, na sua maior parte clérigos, e reúne-se todos os anos para discutir diversos aspectos do relacionamento entre as duas comunhões, particularmente nos países onde vivem lado a lado.

comunhão entre anglicanos e velho-católicos

De forma mais particular, a Senhora Knudsen apresentou e comentou o documento “Belonging together in Europe” (“Parceria na Europa: uma declaração conjunta sobre aspectos de eclesiologia e missão”), uma importante declaração emitida pela AOCICC em finais de 2011 e que pretende fundamentar nos aspectos teológico e eclesiológico um relacionamento mais profundo entre as igrejas anglicanas e velho-católicas na Europa. Sintetizando este documento, focou os aspectos comuns da compreensão da natureza da Igreja por parte de ambas as comunhões, a evolução global do seu relacionamento nas últimas décadas, os principais factos em discussão (como a ordenação de mulheres, o casamento ou a propagação da secularização e da globalização) e a diversidade dentro da unidade eclesial de anglicanos e velho-católicos. Descreveu por fim os esforços que têm vindo a ser feitos para divulgar a declaração e aprofundar a sua discussão.

Este documento serviu como inspiração para uma animada mesa-redonda final, intitulada “Caminhos a percorrer” e que contou com a participação do Arcebispo Vercammen e dos bispos Pina Cabral e López Lozano. Em diálogo franco e aberto, rapidamente alargado à assembleia, os presentes discutiram as potencialidades do estreitamento de relações entre as diferentes igrejas, velho católicas e anglicanas, para uma missão mais eficaz no mundo de hoje, concluindo assim de modo construtivo e em tons de confiança uma conferência que todos consideraram de grande interesse e oportunidade.

A celebração deste aniversário encerrou-se, já da parte da tarde, com um serviço eucarístico de Acção de Graças celebrado na Catedral co-presidido pelos bispos Pina Cabral, Vercammen e López Lozano, que proferiu a homilia. No final do serviço, que contou com a participação musical do Coro do Arciprestado do Norte, foi descerrada pelo Arcebispo de Utreque uma placa comemorativa do 50º aniversário da Concordata. Está a ser ultimada uma publicação que reúne os textos das comunicações e outros documentos desta Conferência Internacional.

A Concordata de 1965

Em 22 de Setembro de 1965, por ocasião do 19º Congresso Velho-Católico, celebrado em Viena, os representantes das igrejas ibéricas, então os bispos D. Luís Pereira (IL) e D. Santos Molina (IERE), a par do bispo da Igreja Filipina Independente, assinaram com o Arcebispo de Utreque da altura, D. Andreas Rinkel uma Concordata de plena Comunhão (baseada no chamado Acordo de Bona de 1931).

Segundo os termos do documento, cada igreja reconhecia a catolicidade e independência da outra e mantinha a sua, ao mesmo tempo que cada uma das igrejas signatárias concordava em admitir membros

da outra a participar dos sacramentos. Afirmava-se também que «a comunhão plena não requer da outra Igreja a aceitação de toda a opinião doutrinal, devoção sacramental ou prática litúrgica característica, mas implica que cada uma acredita que a outra possui o «que é essencial à fé cristã».



“50 anos volvidos celebramos não apenas um documento histórico assinado e datado mas também e principalmente a história de comunhão eclesial fraterna que desde então se construiu e o testemunho da fé em Jesus Cristo que foi possível de exercer em conjunto.

Numa palavra, celebramos todo um processo e percurso de aprofundamento da consciência e da vivência da catolicidade da igreja, que nos abriu, de um dimensão diocesana e nacional, para uma comunhão com a igreja universal nas suas diferentes expressões culturais e geográficas.”

D. Jorge Pina Cabral
da alocução inicial



«Não somos o futuro da Igreja mas sim o presente»

Diana Melo*

Estive presente no XXXIII Concílio da Diocese Anglicana de Brasília nos dias 28,29 e 30 de Agosto que decorreu na Catedral da Ressurreição com o tema “... eu te Seguirei para onde fores.” Lc 9:57. Foram momentos de grande celebração, dado que este ano a Diocese companheira celebra o seu 30º aniversário conjuntamente com os 30 anos da primeira Ordenação Feminina no Brasil e os 12 anos da Sagração de Dom Mauricio Andrade.

A minha presença neste concílio, em representação da Igreja Lusitana, resulta da relação de companheirismo entre a Diocese Anglicana de Brasília e a Diocese da Igreja Lusitana desde a década de 60. Serviu este momento para estreitar estes laços e ganhar perspetivas de maior relação e interação entre as nossas Dioceses. Foi um tempo muito abençoado, no qual vivenciei toda a hospitalidade e o amor cristão dos nossos irmãos brasileiros.

Após o Concílio chegou o Encontro Nacional da União da Juventude Anglicana (ENUJAB) que decorreu de 4 a 7 de Setembro com o tema “Acolher e Servir: Jovens em OrAcção”. Estiveram jovens de todo o Brasil, das Igrejas Lusófonas da Comunhão Anglicana (Angola, Moçambique e Portugal), bem como jovens das Honduras, República Dominicana e Gana. Uma diversidade enriquecedora, eletrificante e esperançosa de Jovens Anglicanos.

Juntaram-se cerca de 250 Jovens em Oração, Louvor e Reflexão sobre a Palavra de Deus e em reflexão sobre o papel dos Jovens na Igreja Anglicana. Serviço – Acolhida (acolhimento) – Vocação – Espiritualidade, foram os temas orientadores dos diferentes momentos vivenciados que foram compostos através de estudos Bíblicos, Paineis, Oficinas, momentos de Louvor e momentos de partilha. Destes dias de convívio, partilha, reflexão e louvor saiu uma Juventude Anglicana Bra-

sileira mais comprometida e empenhada com o seu papel na Igreja Anglicana, nas suas paróquias e nas suas comunidades por todo o Brasil.

Quando cheguei ao Brasil a partilha feita entre mim e os que me recebiam era da dificuldade de trabalhar os jovens na Igreja, que estávamos a passar uma crise de jovens... é gratificante ver como estes dias vieram mudar essa perspectiva. Do Encontro resultaram 2 cartas abertas, uma da Juventude outra do Clero, ambas assumindo compromissos para a vida em Igreja e a intervenção dos jovens na mesma. A carta aberta da Juventude termina da seguinte forma : “Somos jovens vocacionados, queremos ser jovens capacitados e não somos o futuro da Igreja e sim o presente! Que Deus nos Abençoe.”

Sinto-me profundamente grata a Deus, ao Bispo D. Jorge Pina Cabral e ao Bispo D. Mauricio Andrade e à agência Missionária Us por me proporcionarem esta viagem, esta experiência, esta vivência tão única e inesquecível. Obrigada por me permitirem testemunhar agora este momento!

*Representante Lusitana ao ENUJAB



«Vem soltar a sua voz» - Encontro de mulheres no Brasil

Sara Lia Duarte*

Nos passados dias 9 e 12 de Outubro de 2015, decorreu o Encontro Nacional da União de Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil (UMEAB), em São Paulo, no Centro de Formação Sagrada Família. O tema deste encontro foi “Vem soltar a sua voz!” onde partilhamos muitas ideias e costumes locais, conhecemos um pouco mais sobre Jesus Cristo e fomos descobrindo o trabalho e o papel da mulher anglicana nos diferentes países lusófonos. De acordo com o ponto b da declaração do II Encontro de Igrejas Lusófonas da Comunhão Anglicana, além das mulheres brasileiras (onde estavam representadas as 9 dioceses e um distrito missionário), estavam ainda presentes a Reverenda Julieta Fernando da Diocese de Angola, a Rosa Maria Nhone da Diocese de Niassa, Moçambique, a Florência Cipriano da Diocese de Libombos, Moçambique e eu a representar a diocese de Portugal, mais especificamente o Departamento das Mulheres da Igreja Lusitana. Além dos países lusófonos, estavam presentes duas mulheres da igreja Anglicana em Montevideo, Argentina. Estiveram reunidas cerca de 90 mulheres e juntas caminharam em Cristo para reflectirem e definirem estratégias de trabalho de ajuda ao próximo.

Após boas vindas e apresentações, decorreu uma palestra intitulada “A voz da mulher”, com a presença de Valéria Cristina Vilhena, mestre em Ciências Religiosas e fundadora do movimento EIG – Evangélicas pela Igualdade de Género e Sarah de Roure, historiadora de formação e activista na Marcha Mundial das Mulheres. Esta sessão foi muito interessante onde a maioria das mulheres entrevistaram com questões e testemunhos vivenciados no dia-a-dia. Após o jantar, a Rev. Carmen Kawano, dirigiu uma celebração silenciosa, baseada nas orações e cânticos de Taizé.

Os restantes dias começaram com um momento devocional, orientado pelas diferentes dioceses. Num dos dias, as irmãs Africanas sugeriram um momento de reflexão designado “caminhando pela luz de Deus”, onde todas as mulheres deram 7 voltas ao redor de uma árvore no pátio central, cantando nos diferentes dialectos e reflectindo na nossa missão e serviço a Deus.

Realizaram-se diversas actividades ao longo do encontro, tais como: trabalhos de grupo, estudo bíblico orientado pelo Paulo Ueti, momento de criatividade e um pequeno bazar de projectos e produtos.

No domingo, não podia faltar o momento de celebração eucarística, o qual foi presidido pelo Bispo Primaz Francisco Silva. Este momento foi muito importante porque celebrou-se os 30 anos de ordenação feminina no Brasil. Todas as dioceses entrevistaram em diversos momentos da cerimónia. Por fim, realizou-se um jantar partilhado e um momento de descontração onde as diferentes dioceses apresentaram danças, canções ou teatros sobre as suas origens ou culturas. E como não podia deixar de participar lá cantei uma canção popular portuguesa...

Foram momentos muito intensos, de grande partilha e convívio, onde se aprendeu mais sobre o papel das mulheres anglicanas na igreja e que todas juntas podemos alargar os horizontes da nossa missão.

Dou graças a Deus pelo desafio que me foi proposto e pela riqueza de conhecimentos adquiridos neste encontro.

*Representante Lusitana ao ENUMEAB



LIVRO DE ORAÇÃO COMUM



O novo Livro de Oração Comum Brasileiro

Revda. Marinez Rosa dos Santos Bassotto*

A primeira tradução do Livro de Oração Comum para o português no Brasil foi feita por volta do ano de 1860 pelo missionário americano Revdo. William Holden, esta versão, no entanto, nunca chegou a ser usada pela Igreja Brasileira. Em 1898 foi feita uma nova versão pelo Revdo. William Brown, auxiliado pelo Revdo. Arceidiago Américo Vespúcio Cabral. Em 1930 uma versão revisada, desta vez elaborada por uma Comissão nomeada pelo Concílio da então Igreja Episcopal Brasileira (hoje IEAB) foi entregue a Igreja. Em 1951 surgiu uma nova revisão que perdurou até 1987, quando foi publicada uma versão abreviada do Livro de Oração Comum, grande parte dele contendo traduções e adaptações do LOC americano. Então chegamos ao momento atual – desde a década de 1990 sucessivas Comissões Nacionais de Liturgia vêm trabalhando incessantemente para revisar, atualizar a linguagem e torna-la inclusiva, enculturar e renovar o Livro de Oração Comum Brasileiro.

Alguns destaques da nova edição do LOC Brasileiro:

A tradição é a transmissão da identidade de um grupo através dos tempos e dos lugares para que esse grupo se reconheça como tal. A liturgia é parte da tradição da Igreja e é sumamente importante que ela guarde e transmita a forma anglicana de ser Igreja de Cristo, temos os Credos Históricos, a fidelidade às Sagradas Escrituras, os Cânticos, certas partes da Eucaristia e algumas Orações que são parte da nossa identidade, mostram o nosso rosto e nossa forma de ser através dos tempos. No entanto, estamos dentro da história, não somos atemporais, temos traços de uma herança histórica e devemos conservá-los, mas a tradição é viva e deve estar aberta à diversidade e às novidades e portanto adaptada à realidade atual. E foi

com base neste conceito de tradição viva que a Comissão Nacional de Liturgia buscou compilar o LOC atual.

No título do LOC a palavra “**Comum**” não quer dizer ordinário, corriqueiro ou simples, mas quer dizer que pertence a todas as pessoas. Comum ao clero e às pessoas leigas. A teologia anglicana tem uma profunda ênfase na Encarnação, por isso é necessário que a Igreja esteja sempre conscientes de que a teologia popular deve ser levada a sério, assim como é muito importante que a liturgia esteja mais próxima das expressões da nossa gente. Se a liturgia é expressão do povo de Deus, temos de compreender o que significa uma teologia do povo.

Por isso, nesta edição do LOC houve uma grande preocupação com a flexibilidade litúrgica e também com a construção de rubricas pedagógicas proporcionando ao laicato a possibilidade de compreender a liturgia, libertando assim a Igreja de uma excessiva ascendência clerical na liturgia e dando uma maior versatilidade na utilização dos ritos litúrgicos, especialmente no que se refere aos Ofícios Diários e a Santa Comunhão sob Circunstâncias Especiais, entre outros, propondo, não só nas rubricas, mas na sua teologia, que a liturgia fortaleça o ministério de todas as pessoas cristãs tornando a Celebração mais participativa.

Liturgia é antes de tudo AÇÃO, supõe movimento e se expressa mediante palavras e gestos. Por isso, dizemos que a liturgia é feita de sinais sensíveis, ou seja, sinais que chegam aos nossos sentidos (tato, paladar, olfato, visão e audição) e para fazer sentido na vida de um povo a liturgia da Igreja não pode estar desenraizada da cultura deste povo. Ela é uma oração ritual: o tempo, o lugar, a cultura, os objetos não são meramente embelezamento, mas sim parte integral desta oração, o melhor culto – nos diz a Sagrada Escritura – é a oferta da própria vida na realização da vontade de Deus.

Neste sentido houve também no novo LOC um esforço de usar mais os elementos da nossa cultura brasileira com a elaboração de novas Orações Eucarísticas, Intercissões, Benção da Saúde, Aliança Batismal, Litanias para Ordenações, grande parte das Coletas todos **autóctones**, próprios brasileiros, bem como a inclusão de muitos santos e santas brasileiros no Calendário Eclesiástico. E como parte do resgate do ethos anglicano houve também uma busca pela aproximação ecumênica com a retirada da Cláusula Filioque do Credo Niceno, a adoção do Pai Nosso na versão ecumênica e a utilização do Lecionário Comum Revisado tanto para Domingos e Festas Principais quanto para os Ofícios Diários.

Houve também no novo LOC um esforço de utilização de linguagem inclusiva. **A linguagem inclusiva** retira das palavras o seu gênero ou inclui nelas ambos os sexos com o objetivo de desconstruir duas ideias que estão cristalizadas no nosso imaginário: 1) a ideia do

masculino como universal e 2) o sexismo estabelecido na linguagem.

Os papéis diferenciados de ocupação na linguagem para os sexos feminino e masculino são reflexos de construções sociais que em todos os espaços estabelecem posições para mulheres (inferiores) e para homens (superiores) e conseqüentemente não permitem uma relação horizontal e harmoniosa, pregando sempre a superioridade e o domínio de um sobre o outro. A linguagem tal qual nós a conhecemos hoje em dia estabelece que o universal é o masculino, e que no masculino as mulheres são encontradas e isso ajuda a perpetuar posições hierárquicas desiguais entre homens e mulheres, pois se subentende que o gênero nomeado e destacado na linguagem é o masculino, ficando as mulheres invisibilizadas e relegadas a estâncias inferiores de representação.

Ao nos comunicarmos através de palavras vamos automaticamente construindo imagens em nossas mentes e por isso a Comissão Nacional de Liturgia da IEAB realizou um grande esforço de descristalização da linguagem buscando novas formas de expressão e palavras neutras – essa foi uma árdua tarefa.

Estes são alguns destaques desta nova edição do Livro de Livro de Oração Comum que, como diz no seu prefácio, vem para resgatar e fortalecer a dimensão da devoção do povo de Deus. O qual esperamos que seja usado para além do momento de culto na Igreja, Lex orandi, Lex credendi de forma que a Liturgia se torne verdadeira adoração na medida em que é usada como devoção cotidiana, e assim, o Espírito Santo reacenda a sua chama em cada vida para a glória de Deus.

A Comissão Nacional de Liturgia da IEAB que coordenou a edição deste novo LOC é composta por:

Dom Maurício José Araújo de Andrade, Presidente
Revda. Marinez Rosa dos Santos Bassotto
Revda. Dilce Regina Paiva de Oliveira
Revdo. Luiz Carlos Teixeira Coelho Filho
Revda. Rosemary Ferreira da Cunha
Sra. Noemi Kazuko Buyo

*Custódia do LOC



Igreja Inglesa de S. James no Porto celebra 200 anos

Reverendo José Manuel Cerqueira

Realizou-se no passado dia 4 de Junho, Festa do Corpo de Cristo, um Culto Solene Eucarístico de Acção de Graças pelo início da construção da Igreja Anglicana de St. James no ano de 1815. A construção desta Capela foi o culminar de um longo, e diríamos nós hoje, doloroso processo. Os primeiros sinais da presença de um clérigo da Igreja Anglicana na cidade, datam de 1671 quando Reverendo John Brawlerd chegou, convidado para dar assistência espiritual à comunidade de Língua Inglesa instalada no Porto e que naquela altura era já numericamente muito significativa, mas em especial para educar as gerações mais novas nas doutrinas da Igreja e no sentido de manter vínculos e laços com a cultura Britânica.

Esta comunidade de famílias Inglesas instaladas na cidade do Porto dedicava-se ao comércio e em especial ao comércio do vinho do Porto. Se nós como dote da Rainha D. Catarina de Bragança lhes oferecemos o ritual do Chá, os Ingleses desenvolveram o ritual do Vinho do Porto... A sua capacidade de organização, e perspicácia de investimento permitiu-lhes ser um “pivot” entre um país em constantes conflitos políticos, sociais e religiosos, como era o nosso, e o resto do mundo. Por outro lado não podemos negar que conseguiram projetar internacionalmente um produto altamente prestigiado provindo deste país longínquo e na cauda geográfica da Europa (...)

Os primeiros Cultos Anglicanos realizaram-se na casa do Cônsul Britânico que entretanto se tinha instalado na cidade para dar assistência e protecção aos negócios e servindo de intermediário entre as autoridades Portuguesas e Inglesas, e num segundo momento na Feitoria Inglesa – uma espécie de Casa de Comércio – que sendo teoricamente considerada uma casa particular tinha uma pequena capela. Por esta razão este Culto de Acção de Graças realizou-se no Grande Salão da Feitoria Inglesa.

No entanto, na génese os problemas estavam por resolver, porque se continuava a colocar a questão da morte e do sepultamento dos membros das famílias Inglesas. A lei portuguesa que naquele tempo, com a conveniência de todos, não traçava a linha entre a religião e o estado, não permitia o sepultamento de “hereges”

em “chão consagrado” como eram designados os cemitérios, fazendo com que os mortos ingleses fossem lançados nas margens do Rio Douro de forma quase incógnita e clandestina.

Foi apenas em 1787 que o famoso Cônsul John Whitehead consegue adquirir o terreno onde se instala o “Cemitério Inglês” como é ainda hoje conhecido e respeitado pelos cidadãos da cidade do Porto. No entanto só depois da Guerra Peninsular foi dada autorização para a construção de uma Igreja dentro do terreno do referido Cemitério, mas mesmo assim com a condição de não ter torre, nem cruz, nem sino, e de ser rodeada de um muro que a ocultasse aos olhos de quem passava. Foi construída entre 1815 e 1818 e consagrada somente em 4 de Junho de 1843 pelo Bispo de Gibraltar a pedido do Bispo de Londres, e foi lhe atribuída a dedicação a St. James (S. Tiago).

No contexto de Acção de Graças, este Culto e a Pregação foram dirigidos pelo Reverendo Robert Bates, Pastor da Igreja, assistido pelos Leitores da Igreja de St. James: Judith Murry e Diana Bates. Entre outros convidados esteve oficialmente representada Sua Majestade a Rainha de Inglaterra através da sua Embaixada em Portugal. Foi de particular relevo a presença do Sr. Bispo D. Jorge de Pina Cabral na sua qualidade de Bispo da Igreja Lusitana e de Bispo da Comunhão Anglicana, a quem foi dirigida uma palavra de saudação e de boas-vindas e ao Sr. D. Jorge de Pina Cabral foi dada a palavra para saudar a Igreja de St. James.

O Sr. Bispo expressou a sua alegria pelo convite que lhe foi dirigido e lembrou a necessidade e urgência de colaboração entre ambas as Igrejas que pertencem à mesma família eclesial e se encontram na mesma cidade. A música esteve a cargo do Organista da Igreja de St. James. Alan Dawber e do coro “Douro Singers”. Na área da música há que dizer que a Igreja de St. James tem uma longa tradição de música quer instrumental quer coral e é de destacar que no concerto de reinauguração e dedicação do restauro de um dos seus órgãos em 1937, Guilhermina Suggia ofereceu um Recital de Violoncelo. Depois do Culto seguiu-se uma recepção e mais tarde um almoço no Club Inglês.



“Ultreya e Suseya” * em 700 palavras

Alberto Peres

Quando o bispo Jorge Pina Cabral me desafiou a escrever umas linhas sobre a minha vivência espiritual e humana ao longo da peregrinação da Comunhão de Porvoo (Anglicanos e Luteranos) a Santiago de Compostela, que decorreu de 24 a 29 de Agosto, não hesitei e aceitei de bom grado. Fácil, escrever é o que faço todos os dias e sobre algo que vivi intensamente dar-me-á ainda mais prazer, pensei.

No entanto, ao delinear mentalmente este texto, constatei que narrar acontecimentos factuais, como faço enquanto jornalista, é bem diferente de transmitir o que vai muito além do que os olhos veem. E deparei-me com uma dificuldade fulcral. Como exprimir por palavras o que se vive interiormente e se processa muito além dos sentidos. Como dar a conhecer a vivência da Espiritualidade, a Fé, a Partilha, a União com Deus e, neste caso concreto da peregrinação, a forma como Ele nos tocou ao longo do caminho? E foram muitas as situações em que me senti tocado por Deus nesta caminhada de seis dias de Allariz a Santiago de Compostela.

E muitos os momentos espirituais em que fomos absorvidos por toda a beleza da Sua criação. Não só durante o caminho propriamente dito, como nas sessões de reflexão e oração, nas refeições e nos momentos de convívio. Vividos por todos os 27 elementos de um grupo heterogéneo, proveniente de Portugal, Espanha, Irlanda do Norte, Suécia, Escócia, Noruega, Finlândia e Inglaterra grupo, mas uno em Cristo. E nem a língua, as várias línguas foram obstáculo à vivência espiritual, social e humana.

Foram intensos os momentos de partilha ao longo dos cerca de 140 quilómetros do percurso, que, aos poucos, nos debilitaram as articulações, nos provocaram bolhas nos pés, mas nos fortaleceram o Espírito e nos uniram, cada vez mais, em Comunhão. E foram muitos os momentos marcantes de Comunhão, Superação e Revelação, pelo que é impossível descrevê-los todos. Partilho, apenas, alguns.

Como o exemplo da força espiritual de Adele, que superou uma entorse sofrida no primeiro dia recorrendo ao bálsamo da Fé e ao analgésico das orações para, apesar do negrume no tornozelo, cumprir o caminho. “Senhor, dá-me força”, ouviu-se de Andrew, a cada passada fin-

cada no terreno, entre esgares de dor provocados pela lesão no joelho, levando o seu esforço até ao limite.

Da disponibilidade e apoio incondicional demonstrados por Matthew, que amparou Andrew, literalmente, nos momentos mais difíceis do percurso. Da Maria, que ao longo do caminho comprovou – como já previa - que a sua carreira de enfermeira iria dar lugar a uma outra de missionária, para a qual já se está a preparar, e que passa pelo desejo de integrar uma ONG em África. Da fé inabalável de Neil, Capelão em Oxford, que, à vista das torres da Catedral de Santiago de Compostela, fez questão de cumprir o último quilómetro do caminho descalço. Da relação intensa com a natureza de Yvonne, que saiu pela primeira vez do seu país natal, a Irlanda do Norte, e se revelou arrebatada e seduzida pela paisagem, pelos animais, pelas cores e cheiros.

Aponto ainda aqui a linguagem universal do amor a Cristo, sempre presente na cruz de madeira que nos acompanhou e que posicionamos em lugar de destaque nos albergues e pavilhões que nos acolheram. A cruz que nos acolhia. Recordo os cânticos e orações entoados em uníssono, a várias línguas, por todos os elementos do grupo, principalmente o Pai Nosso, mas com um único e mesmo significado, independentemente do idioma, de glorificar o nome de Deus. Retenho ainda aqui o espírito de Partilha e Missão demonstrado por muitos dos jovens com quem tive o prazer de conviver, em família, e com os quais partilhei ideias, sorrisos, experiências, conhecimentos, alimento e rezei.

Esta peregrinação a Santiago de Compostela, onde chegamos qual caminhante no deserto ao mergulhar num refrescante oásis, cansados mas revigorados interiormente, foi uma lição de vida, de amor em Cristo, de fé, de partilha e de espírito de missão. “Jesus a fonte de água viva na nossa peregrinação da vida”, que serviu de tema à peregrinação, revelou-se-nos então à chegada à praça do Obradoiro, bem como na cerimónia religiosa que se lhe seguiu, e cada passo dado ao longo do caminho ganhou um novo significado. Uma nova luz.

“Ultreya e Suseya” – saudação ancestral nos caminhos de Santiago que quer dizer “Para frente e para cima”.

PROCLAMAÇÃO: A ESSÊNCIA PERDIDA?

Timóteo Cavaco*

O desafio de renascer com Cristo

Aproximamo-nos mais uma vez de um período muito importante para todos os cristãos: o Advento e a celebração do Natal. Para a maioria da Cristandade este tempo representa o início de um novo ciclo litúrgico, certamente vivido por cada fiel e por cada comunidade de modo muito profundo, na expectativa de que Cristo venha; na verdade, na expectativa de que em cada novo dia Ele volte a habitar connosco. Ainda assim, e sendo certo que sem nascer Jesus não teria vivido e morrido, a razão de ser da nossa existência, precisamente como cristãos, é a Ressurreição, a Páscoa de Jesus. As palavras de Paulo transmitidas à Igreja em Corinto permanecem tão misteriosas quanto marcantes: «... se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil e a vossa fé é inútil também» (1 Coríntios 15,14). Num outro passo, o mesmo apóstolo afirma: «Nenhum de nós vive para si mesmo nem morre para si mesmo. Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; e se morremos, é para o Senhor que morremos: pois tanto na vida como na morte pertencemos ao Senhor. Com efeito, Cristo morreu e voltou a viver para ser o Senhor dos mortos e dos vivos» (Romanos 14,7-9). Há na obra de Cristo na cruz uma intencionalidade, a qual resulta na Ressurreição como paradigma de uma vida vivida em permanente novidade - a aliteração é intencional!

Os misteres da Igreja do Senhor

Sendo tão comuns as afirmações anteriores, diria mesmo banais ou básicas, por que razão acaba a Igreja do Senhor tantas vezes a orientar o seu discurso, e em consequência a sua ação, noutras direções, não necessariamente contrastantes mas certamente menos relevantes, a acreditar nas palavras que os coríntios tiveram o privilégio de ouvir pela primeira vez? A Igreja tem diferentes misteres que deve exercer com igual afinco e empenho. Sem dúvida que alguns deles têm uma expressão mais visível e também por essa razão ocupam um espaço mais notório nas nossas comunidades e estruturas. Desde logo temos na koinonia a expressão mais prática do que o Senhor Jesus ensinou de forma tão clara recorrendo à imagética da videira e dos seus ramos (João 15,1-17): todos unidos uns aos outros em plena comunhão - COMO UM, tendo como elemento aglutinador o tronco central - o UM. A martyria oferece-nos a dimensão da sobrevivência do corpo mas, acima de tudo, do seu crescimento por reprodução; uma reprodução saudável resultante do anúncio da mensagem (Marcos 16,15) de UMA VIDA, que transmite A VIDA. Mas também na expressão concreta do que um punhado inicial de testemunhas cria, através do serviço a todos: os “de dentro” e os “de fora” (Gálatas 6,10) - diakonia.

Apenas uma questão de modelos?

Mas que papel dar a outros pilares cuja importância ninguém certamente porá em causa? Dois deles recolhem unanimidade, embora quase se tenham tornado uma “minudência teológica”: kerygma e didaché. Para o teólogo D. S. Ferguson «o kerygma é frequentemente distinguido do didaché, sendo que o primeiro é a mensagem do ato de Deus em Cristo que chama as pessoas para a decisão da fé e da filiação à comunidade da fé, que é a Igreja, ao passo que o outro é a instrução na fé e na moralidade que os novos convertidos recebem na Igreja». A aplicação desta lógica sequencial levar-nos-ia a concluir que não pode haver didaché sem kerygma, ou seja, não pode haver ensino sem proclamação. Mas não teremos progressivamente tornado esta distinção tão tênue que a mesma acabou por ser (quase!) eliminada? Noutras palavras, o Cristianismo é fundamentalmente um conjunto de princípios, dogmas, especulações ou axiomas (modelo essencialmente didático) ou é afinal uma mensagem cuja proclamação conduz à fé (modelo essencialmente kerygmático)?

Se dúvidas houvesse a História certamente nos ajudaria a clarificá-las. À medida que a Igreja se foi instalando e as suas estruturas sendo consolidadas na sociedade circundante, o “modelo didático” foi assumindo progressivamente maior protagonismo. Não é, pois, de estranhar que os diferentes movimentos reformadores cristãos, particularmente os que pulularam entre os séculos XIII e XVI na Europa mas também já no período contemporâneo, tenham procurado restaurar essa feição original, adquirindo invariavelmente um pendor mais kerygmático, talvez num esforço por corrigir tal deriva. Ainda assim, assistimos com frequência às gerações seguintes desses movimentos a acabar, com maior ou menor rapidez, aglutinadas por abordagens intelectuais de natureza mais reflexiva e sofisticada. Aliás, esta realidade tem uma dimensão simultaneamente sincrónica - como já vimos - mas também diacrónica, uma vez que num mesmo tempo e espaço podemos encontrar comunidades kerygmáticas e comunidades didáticas, um pouco à semelhança do que o sociólogo norte-americano William Bainbridge chama de polos de “alta-tensão” e de “baixa-tensão”.

O que ensinam as Escrituras

Deve, porém, um modelo excluir o outro? Esta talvez tenha sido e continue a ser a tragédia do Cristianismo. O didaché deve e tem de estar presente nos misteres, diria mais, na missão da Igreja, mas falhará na sua eficácia se negligenciar o kerygma. O Cristianismo assenta fundamentalmente numa mensagem: «... Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme o que está na

KERYGMA

“CRISTO MORREU... FOI SEPULTADO... RESSUSCITOU!”

Sagrada Escritura. Foi sepultado e, no terceiro dia, ressuscitou, como também está na Sagrada Escritura» (1 Coríntios 15,3-4). É até compreensível que a simplicidade de uma tal asserção assuste - talvez até intimide! - mentes que se governam mais pela lógica e pela pureza da razão.

No entanto, os registos das Escrituras são muito claros quanto a esta ênfase. E, mais do que claros, são consistentes. A teorização deste pendor kerygmático encontrada no texto acima citado vai beber aos primeiros versículos do magistral texto de 1 Coríntios 15. Apesar de ser relativamente seguro que Paulo tenha registado estas palavras em momento anterior (a epístola deverá ter sido escrita por volta de 53-57 d.C. por ocasião da chamada terceira viagem do apóstolo), a verdade é que os textos de Atos dos Apóstolos (finalizados por volta do ano 70 d.C.) apresentam abundante evidência de que este era o fulcro da pregação apostólica pré-paulina. Um aparente anacronismo que só confirma a solidez do modelo.

Quatro momentos em particular dão substância a esta proposição:

1. A primeira pregação pós-ressurreição de Jesus na qual o apóstolo Pedro afirma que Jesus é aquele que o Pai fez ascender à Sua destra para derramar o Espírito àqueles que n'Ele acreditam - Atos 2,14-39.

2. Um outro discurso do apóstolo Pedro novamente centrado na ressurreição e exaltação de Jesus - Atos 3,12-26.

3. O primeiro discurso registado de Pedro aos “gentios”; mesmo com uma notória diferença de audiência

(o que justificará a não utilização de referências ao Antigo Testamento) o conteúdo do kerygma é fundamentalmente idêntico ao dos discursos anteriores - Atos 10,34-43.

4. Neste último exemplo, Paulo faz no seu discurso nitidamente a ponte entre o kerygma apostólico primitivo e o que viria a ser desenvolvido pelo próprio apóstolo em ocasiões posteriores; a substância é a mesma - Atos 13,16-41.

Passaram quase dois mil anos! Dois mil anos de leituras tantas das Escrituras; um enorme tesouro acumulado de didaché. Mas não tenhamos ilusões: a proclamação de Cristo, a proclamação da Sua obra, é que está na base do movimento que cresceu de um punhado de chamados “homens do povo, sem estudos” (Atos 4,13) para a maior expressão religiosa a nível mundial. Muito pode produzir o ensino (didaché); nada se conseguirá sem unidade (koinonia); a transmissão da fé é o testemunho passado de geração em geração e entre gerações (martyria); a Igreja é conhecida pelo seu serviço (diakonia). Mas o que fica, o que fica mesmo é:

«... Cristo morreu... foi sepultado... ressuscitou!»

*Secretário-geral da Sociedade Bíblica de Portugal

«A Igreja tem diferentes misteres que deve exercer com igual afinco e empenho».

Missionários de Cristo

Reverendo Dr. Paul Avis (teólogo Anglicano)

A convite do Novo Despertar, o reputado teólogo anglicano Reverendo Dr. Paul Avis, escreveu um artigo sobre o tema sinodal «Do batismo à Missão da Igreja». Esta seção do boletim diocesano oferece assim uma vez mais a oportunidade do aprofundamento de um tema rico na sua essência doutrinal e implicativo no trabalho de Missão a desenvolver.

Muitos de nós fomos batizados em criança, e por isso não nos lembramos do nosso batismo. Apesar de tudo, ele continua conosco e permanece em nós. O batismo é um dos grandes dons que Deus nos pode dar. Ele aproxima-nos muito de Deus e torna-nos amigos e discípulos de Jesus Cristo. Tornamo-nos um com ele, partilhando espiritualidade na sua morte e ressurreição. Uma vez batizados, nada volta a ser como antes; entramos no mundo novo de Deus, um mundo de graça e de amor. O dom de Deus de uma vida nova vive dentro de nós.

À medida que crescemos, podemos negligenciar este dom. Podemos não lhe dar muita atenção. Podemos afastarmo-nos da Igreja e esquecer de dizer as nossas orações. Mas Deus é fiel àquilo que recebemos. Essa inquebrável relação de amizade com Cristo pode ser restaurada. O poder do nosso batismo pode ser reativado. Não necessitamos de ser batizados novamente, tal não é possível e a Igreja não o permite, mas podemos viver o nosso batismo de um outro modo, restaurados pela graça.

Outros podem ter sido batizados em adultos, ou talvez na sua adolescência. Tal foi uma escolha deliberada da sua parte. Tomam a decisão consciente de seguir a Cristo e de partilharem a vida da sua Igreja. O nosso batismo continua a ser uma memória viva para nós.

«Uma vez batizados, nada volta a ser como antes; entramos no mundo novo de Deus, um mundo de graça e de amor. O dom de Deus de uma vida nova vive dentro de nós».

Em ambas as situações, batizados em criança ou em adulto, o batismo não permanece sozinho. Existem outros dons a serem recebidos, particularmente a confirmação e a primeira comunhão. Na confirmação somos fortalecidos pelo Espírito Santo, para viver a vida cristã, enquanto o Bispo impõe as suas mãos sobre nós e ora pela bênção de Deus, e (para aqueles de nós batizados em criança) estamos capazes de fazer por nós próprios as promessas do batismo. O nosso caminho em Cristo e a vida da graça na Igreja continuam quando tomamos parte na celebração da eucaristia e recebemos a sagrada comunhão pela primeira vez. E deste modo, a nossa união, a nossa singularidade

com Cristo é renovada semana após semana à medida que vivemos a adoração e a liturgia da Igreja. Quando recebemos o seu corpo sacramental somos curados e fortalecidos no seu serviço. Quando bebemos do cálice sacramental somos limpos e renovados para o seu serviço.

Sendo trazidos tão próximos de Cristo através dos sacramentos da iniciação cristã; batismo, confirmação e eucaristia, sendo um com ele, permanecendo n'ele e ele em nós, partilhamos do seu trabalho e temos a nossa parte a desempenhar na sua missão. No Evangelho de S. João Jesus diz aos seus discípulos: «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio» (João 20,21). As palavras Gregas «envio» e «enviado» são praticamente as mesmas como as nossas palavras «missão» e «missionário». Elas implicam que alguém comissionou uma pessoa a levar para a frente uma tarefa particular com a sua bênção.

Tal como o Pai enviou o Filho ao mundo para fazer o seu trabalho redentor, assim Cristo envia-nos ao mundo para fazer o seu trabalho. Mas não somos enviados na nossa própria força, o que seria desastroso; nem conseguiríamos começar. Mas reparemos no que se segue em S. João: «Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebam o Espírito Santo» (João 20, 22). Jesus equipa os seus mensageiros com o mesmo poder que lhe permitiu completar o plano do Pai. Podemos colocar a nossa confiança no poder do Espírito Santo, que nos é dado no batismo e confirmação e cuja presença é continuamente renovada quando dela mais necessitamos.

Mas em que consiste este trabalho que ele tem para nós? Primeiro é viver para ele em tudo o que fazemos, por muito mundano ou trivial que possa ser. «Para mim» escreve S. Paulo «o viver é Cristo» (Filipenses 1,21). Segundo, é o trabalho da oração fiel, incluindo o louvor e a ação de graças, juntamente com a intercessão pelas necessidades da Igreja, do mundo e daqueles com especiais necessidades. Terceiro, é o trabalho do testemunho, de modo a que as nossas vidas, as nossas palavras e ações, testemunhem Cristo como nosso Salvador e Senhor. Destes três modos, realizamos a nossa pequena parte na missão de Cristo que continua através da sua Igreja. Jesus foi o enviado de Deus, o missionário de Deus para o mundo. A sua missão tocou as nossas vidas e a da nossa comunidade. Ele chama-nos agora a ir com ele para o mundo, ajudando no seu trabalho, servindo como seus mensageiros, podemos dizer «seus missionários», onde quer que possamos estar.

No hospital, conTigo

+ Fernando Soares, bispo Emérito

Foi um susto. Quando o médico, na urgência do hospital, me disse, após visualizar as análises ao sangue e a ecografia abdominal, que era uma pancreatite aguda, eu e os que me acompanhavam, minha mulher e um dos meus filhos, parámos no tempo e cerrámos os rostos. Há palavras que no nosso imaginário sugerem agoiros de má sorte. Por isso o pensamento voou nas asas dum destino que prefigurava o prelúdio de um fim. E aí o Tu, de Deus, resplandeceu com clareza confiante perante uma vida que ultrapassou os 70 anos, o tempo da nossa vida (como diz o Salmo 90), sabendo que tenho de morrer e que, portanto, tenho de estar preparado para em todas as circunstâncias, correntes e extraordinárias, enfrentar o mistério.

Porém, passadas essas primeiras horas, já com o soro adequado, senti o desvanecer das dores e a paz a iluminar-me. Então, o pensamento voltou-se para a realidade do estar e na oração daquela noite perguntei-Lhe o que queres de mim. Fez-se silêncio e a minha mente inundou-se de nomes das pessoas que diariamente elevo à misericórdia de Deus.

Mas, o espetro do fim não me largava, pois, ali, mesmo ao lado, naquela enfermaria, agonizava o Sr. José, como lhe chamava carinhosamente a ajudante de limpeza, com o sentimento de quem sabia o que lhe ia acontecer: “ai, sr. José! ai, sr. José!”. Homem a caminho dos 90 anos, a fazer ainda este ano, vivia agora a derradeira espera pela chamada divina, quando o seu corpo se cansasse desta vida. Um dos seus filhos, o mais velho, com os 60 bem medidos, não arredava pé daquela enfermaria onde jazia aquele a quem chamava “paizinho”. Comovia-me ao ouvi-lo, “paizinho, estou aqui!”. Lia o jornal, atendia e fazia telefonemas no e pelo seu telemóvel e às vezes conversávamos. Recordei um tempo parecido que passei junto à cama de meu pai, em minha casa, na altura do seu chamamento. Estar junto, mesmo sem dizer nada, transmite segurança e alimenta a pertença familiar que nestas horas reconforta.

Dois dias, das 10 da manhã às 10 da noite, aquele filho não largou o seu pai, sempre a explicar a sua presença no hospital – uma pneumonia, a idade avançada – e a justificar-se com o melhor tratamento que lhe podia ser concedido ali, que não em casa. E quando o idoso se finou, na manhã do 3º dia, cedendo a uma lágrima furtiva que se lhe aflorou no olhar, dizia-me com alguma satisfação, “era isto que eu queria, estar com ele no momento do seu último suspiro”. Lembrei-me, então, do 5º mandamento, “honra teu pai e tua mãe ...” (Ex. 20,12).

À noite sentia bem o dom do silêncio. Com aquele vizinho ao meu lado, separado por uma mera cortina de plástico, prescindi de ver TV e até pus o telemóvel em modo de silêncio, para pressenti-lo apenas através do vibrador. Como diz o poeta, “aproximo-me da noite / o silêncio abre os seus passos escuros / e as coisas escorrem / por óleo frio e espesso.” (Mia Couto – Solidão). Neste corrimento das coisas o silêncio propicia-nos um estado de introspeção sobre a nossa vida, passada e presente, permite-nos escutar a nossa própria respiração, assim como se caísse num poço escuro e fundo.

Às vezes é bom, especialmente quando queremos descansar do excessivo ruído que nos cerca. Mas, o silêncio ecoa na solidão. Então, recolhia à oração. Como Jesus que procurava a solidão para orar, no campo, no monte, onde ninguém o via. E como não falava a ninguém da sua vida de oração, tiveram de pedir-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar” (S. Luc 11,1-4). Então, vinha-me à cabeça o “Pai nosso”. E repetia-o porque por vezes me perdia nos braços de uma sonolência entorpecedora. “Pai nosso, que estás no céu...”. Como gostaríamos que fosse um guia de comportamentos, uma lista de necessidades, como as que fazemos para as compras no supermercado. Mas, não é. Acima de tudo, o “Pai nosso” apresenta-se como uma espécie de uma escala de valores em que deve assentar a nossa vida, e, por isso, o que devemos pedir-Lhe: que se respeite o santo nome do Pai, que venha o seu Reino a este mundo, que a ninguém falte o pão da subsistência, que nos perdoe do mesmo modo como perdoamos e que nos defenda dos “tropeções” na vida.

Numa noite esqueceram-se de baixar o estore da enorme janela. De manhã quando acordei dei-me logo com os alvares matinais, os primeiros ruídos da azáfama diária. Então, cresceu em mim o frémido da esperança que renova e liberta. Deus estava comigo.

«Então, o pensamento voltou-se para a realidade do estar e na oração daquela noite perguntei-Lhe o que queres de mim. Fez-se silêncio e a minha mente inundou-se de nomes das pessoas que diariamente elevo à misericórdia de Deus.»

Diz quem lê ...

Há muito já que tenho esta ideia em mente: escrever para o Novo Despertar como leitora e dar a minha opinião sobre os números que têm sido publicados. A intenção é boa, a ação tem sido... inexistente! (...). Por isso agora aqui estou eu, vencendo a inércia que criticava! E desta vez vou-me ficar por um aspeto único: calculem, uma capa!

Fico feliz sempre que sai um número do Novo Despertar, leio-o com cuidado, partilho-o. O último, publicado em Abril, provocou-me, porém, uma reação negativa: à primeira vista, impondo-se de forma incontornável, uma capa violenta- pareceu-me uma imagem agressiva, lembro-me que me senti chocada com a visão de uma mão atravessada, furada por um grande buraco, talvez de bala. Estávamos em pleno período pascal e vivíamos com alegria o tempo da ressurreição: porquê uma imagem de sofrimento, quando Cristo tinha vencido a morte? Após algumas conversas e reflexão pessoal, entendi que o choque que eu tinha sentido podia ser encarado de forma construtiva: na verdade, a ressurreição de Cristo não lhe apagou as chagas; que, aliás, ele fez Tomé tocar. Nestas chagas, o sofrimento do mundo. Neste buraco de bala, todas as vítimas de guerras implacáveis. Em tudo, Cristo: na vida e na morte, na ressurreição mas antes disso, no sofrimento.

Estamos cercados de dor por todo o lado, neste duro início de um século que se afigura difícil. A realidade dos migrantes que fogem da morte e da guerra tem-se-nos imposto de forma brutal. Eles aí estão, batendo à nossa porta, com mãos atravessadas por buracos de balas. E se não são as mãos que estão feridas, são decerto as almas. Os corpos e as almas. Projetos de vida truncados, perdas e lutos sem tamanho. Eles aí estão e, em cada um deles, Cristo. A Igreja chamada ao acolhimento. Cada um de nós interpelado pelo sofrimento. Cristo em todos, neles e em nós. A impelir-nos ao amor fraterno, à inclusão, à solidariedade, à dádiva. A humildade para aceitar ajuda e à disponibilidade para a oferecer. Cristo trespassado ontem, baleado hoje. Cristo que se nos apresenta ferido, mas também ressurreto.

E no final, a capa de que não gostei ajudou-me a enquadrar uma realidade de dor num tempo de alegria e esperança - é bem verdade o que diz o nosso povo; às vezes uma imagem vale mais que mil palavras!

